

SEGUNDA AULA – 08/10/2017

O QUE O SERVO DE DEUS NOS OFERECE MARCOS 2.1 a 3.12

Depois de seu giro pelas sinagogas da Galileia, Jesus volta para casa em Cafarnaum (provavelmente a casa de Pedro, cf 1.29 e 7.17). Logo correu a notícia de sua volta e uma multidão acorreu para ali. As casas na Palestina ficavam sempre com as portas abertas desde a manhã, e isso significava um convite permanente para as pessoas chegarem. Assim, logo a casa se encheu de gente e até na rua em frente havia pessoas se acotovelando.

Jesus teria ficado bem encorajado caso a motivação das pessoas fosse ouvir a mensagem, mas Ele sabia que o interesse delas estava nas curas e livramentos. Eram superficiais em seus pensamentos e cegos espiritualmente por causa de suas necessidades imediatas. Por isso mesmo Jesus, muitas vezes, se retirava para orar em lugares desertos, a fim de se revitalizar pela oração e comunhão com o Pai a fim suportar os desafios do ministério. Um belo exemplo para nós também.

Era a hora de Jesus começar a mostrar àquele povo o que estava por trás dos milagres que Ele realizava, o verdadeiro sentido do Reino de Deus.

Vamos ver neste texto como podemos confiar plenamente n'Ele recebendo três bênçãos que nos oferece:

PERDÃO (2.1-12)

REALIZAÇÃO (2.13-22)

LIBERDADE (2.23-3.12)

PERDÃO

MARCOS 2.1-12

Como a hospitalidade é uma das leis básicas do oriente, o povo de Cafarnaum não esperou qualquer convite para 'invadir', literalmente, a casa. Isso significou que alguns dos mais necessitados não conseguiram se aproximar de Jesus para suplicar por sua ajuda. Assim, quatro amigos decidiram, com grande criatividade, colocar um paraplégico aos pés de Jesus. Não havendo como romper a compacta multidão, ainda mais levando uma cama onde jazia o paraplégico, eles subiram ao terraço por uma escada externa e abriram uma passagem na cobertura. Pelo tipo de construção era relativamente fácil fazer isso e também depois

efetuar o reparo necessário. Vamos considerar esse episódio através de quatro atitudes de Jesus.

1-Jesus olha para cima.(v.5a)

Jesus viu a fé dos quatro amigos, que ficaram em cima no terraço. Sabiam que Jesus podia e queria curar o paralisado. Esforçaram-se e não apenas oraram, esperando que uma oportunidade surgisse. Eles criaram, com esforço e dedicação, a oportunidade. Não desanimaram diante das dificuldades. Como verdadeiros pescadores de homens, tinham muito interesse no bem estar daquele amigo. Eles trabalharam em equipe e não deixaram passar aquela oportunidade.

2-Jesus olha para baixo.(v.5b)

Jesus viu o paralisado deitado na cama a seus pés e imediatamente foi ao cerne do problema: o seu coração pecaminoso. Nem toda a enfermidade é causada pelo pecado (Jo 9.1-3). No entanto parece que aquele homem estava nessa situação devido a desobediência a Deus. Mesmo antes de curá-lo Jesus anunciou paz e perdão a ele. Na realidade o perdão é o grande milagre que Deus realiza e que vem ao encontro da nossa grande necessidade. Além disso custou um alto preço e trás bênçãos cujos resultados permanecem eternamente. Jesus, sendo Deus, perdoou seus pecados.

3-Jesus olha ao redor.(v.6)

O que Ele vê então são vários escribas e fariseus que estavam também entre a multidão, mas para avaliá-lo (Lc 5.17). Estavam, de certa forma, fazendo o que fora recomendado em Dt 13, e nisso estavam certos. Mas não estavam ali com sinceridade de coração e mentes abertas para ouvir e avaliar, mas com mentes críticas e preconceituosas querendo encontrar heresias em Jesus. Uma tendência que já vinha desde a Judéia (Jo 4.1-4), chegava agora a Galileia e começava a representar a oposição oficial que acabou levando Jesus até a morte.

4-Jesus olha para dentro.(v.6b-12)

Sondando os corações daqueles críticos mordazes, Jesus vê que eles o estão acusando de blasfêmia. Afinal, só Deus pode perdoar pecados e eles o estavam julgando por reivindicar ser o próprio Deus! De fato, neste mesmo momento, Jesus prova ser Deus ao ler os seus pensamentos (Jo 2.25). Jesus deu a eles algo para pensarem: (vv.9-11) O que é mais fácil dizer? Quem pode saber se os pecados foram ou não perdoados? Os escribas e fariseus não

podiam curar o paralítico nem perdoar seus pecados. Assim eles caíram na própria armadilha e foram condenados pelos seus próprios pensamentos. Jesus afirmou sua divindade não só perdoadando pecados e curando, mas reivindicando para si mesmo o título de Filho do Homem. Esse título é usado 14 vezes no evangelho de Marcos, sendo que 12 delas após 8.29, quando Pedro confessa Jesus como o Cristo (2.10, 28; 8.31,38; 9.9, 12, 31; 10.33, 45; 13.26, 34; 14.21,41,62). Esse era definitivamente um título messiânico (Dn 7.13-14) e os judeus o interpretavam desse modo. Ao todo Jesus usou este título cerca de oitenta vezes nos Evangelhos. Diante de tudo isso vemos a imensa oportunidade perdida pelos escribas e fariseus por causa de seu espírito crítico.

REALIZAÇÃO MARCOS 2.13-22

Logo ficou clara a associação de Jesus com os menos favorecidos na sociedade judaica, ao ponto de chamar um coletor de impostos para ser seu discípulo. Não sabemos se Levi era desonesto, mas certamente se relacionava com colegas seus que provavelmente o eram. Levi depois recebeu um nome novo, Mateus, 'o presente de Deus'. Ele prontamente deixou tudo e seguiu a Jesus quando este o chamou (Lc 5.28). 'Queimou seus navios', pois certamente não recuperaria sua posição junto ao governo romano. Havia muitos judeus pouco interessados nas coisas religiosas e que tinham conduta duvidosa. Esses mesmos é que Jesus desejava alcançar. Foi muito criticado por isso também. Jesus explicou sua missão usando então três interessantes comparações:

1-O médico.(vv.13-17)

Quando Jesus passava seguido de grande multidão perto da coletoria onde Levi se encontrava, chamou-o e ele prontamente o seguiu. Foram então para a casa de Levi onde ficaram reunidos Jesus, seus discípulos e "muitos publicanos e pecadores", comendo e certamente conversando. Escribas e fariseus que também compunham esse conglomerado de gente, interessada em ouvir Jesus, confrontaram seus discípulos acerca do reprovável comportamento de Jesus ao se misturar com aquele tipo de gente a ponto de comer com eles. O sentimento dos fariseus era tanto de desprezo como de medo de 'contágio' com esse tipo de gente. Ao ouvi-los Jesus faz a primeira das três comparações: "Os sãos não precisam de médico, e sim os doentes; não vim chamar justos, e

sim pecadores”(v.17b). Jesus aqui se apresenta como médico, vindo ao encontro das nossas necessidades. Ele faz um diagnóstico perfeito; Provê a completa, perfeita e eterna cura; E ainda paga a conta, o alto preço de seu sangue derramado na cruz! Que médico!

2-O noivo.(vv,18-20)

As críticas e questionamentos dos fariseus continuavam agora um pouco mais baseados nas escrituras e não tanto em preconceitos. “Por que motivo jejuam os discípulos de João e os dos fariseus, mas os teus discípulos não jejuam?”(v.18b). A prática do jejum era normal entre os judeus. Para os mais rígidos era uma prática regular, embora o único dia de jejum obrigatório para todos, fosse o dia da expiação, ocasião em que o povo confessava os seus pecados. Os mais estritos, no entanto chegavam a jejuar duas vezes por semana, às segundas e às quintas. Embora pudesse parecer, o jejum não era tão severo assim, durava das seis da manhã às seis da tarde. Jesus não era contra o jejum em si. Há muitas boas razões para uma pessoa jejuar. É uma forma de disciplina para que a pessoa se mantivesse no comando sobre os seus sentidos em geral, a fim de evitar dar maior valor às coisas, confortos, prazeres e até pessoas e lugares, do que a comunhão com Deus. Mas a maioria dos judeus jejuava para se fazer passar por piedosos diante dos outros, fazendo do jejum um verdadeiro teatro da sua espiritualidade e transformando-o numa obrigação ritual. Jesus fez uso então de uma comparação lembrando aos presentes o costume nas festas de casamento judaicas. Logo após a cerimônia o casal de nubentes não saía em lua de mel. Ficava em casa durante a semana seguinte, com a casa aberta a todos os seus amigos, quando celebravam a alegria das bodas. Numa época em que a vida era difícil e árdua, essa era a semana mais feliz na vida de um homem. Celebravam assim com os seus amigos que eram chamados de ‘filhos da câmara nupcial’. Todos os que participavam dessa celebração eram liberados de suas obrigações religiosas durante o tempo que durasse a festa, inclusive de jejuar. Com essa comparação Jesus responde aos que o indagaram a respeito do Jejum. Jesus é o noivo e os seus discípulos os convidados para a festa. Não é o momento de serem privados de nada, mas gozar da alegria completa que a presença do noivo trás. Uma figura também do relacionamento de Jesus e Sua igreja. Devido ao legalismo imposto pelos escribas e fariseus, a religião tinha se tornado uma carga muito pesada, triste e sem alegria. A presença de Jesus transforma nossas vidas em alegria plena e constante, mesmo em tempos de crise. No entanto o verso 20

registra o prenúncio da tormenta que adviria, na sombra da inevitável cruz.

3-O tecido e o odre de vinho.(vv.21, 22)

Até aqui Jesus mostrou em duas comparações que não veio chamar religiosos mas salvar pecadores e que veio trazer alegria e não abatimento e tristeza. Agora Ele nos apresenta o inteiramente novo e não um remendo ao velho. Duas são as figuras, já que Jesus é um especialista em usar comparações, imagens e fatos do cotidiano para explicitar verdades eternas. Jesus nos conduz ao novo, e não a uma combinação ou adaptação ao velho. No texto de Hebreus 8.13, referindo-se a nova aliança, o autor diz: “Quando ele diz Nova, torna antiquada a primeira. Ora, aquilo que se torna antiquado e envelhecido está prestes a desaparecer”. Jesus introduz e explica, com essas duas comparações, a impossibilidade de comprometimento entre o novo e o velho. Não dá para se fazer misturas ou adaptações tentando aproveitar o melhor de um e de outro com o objetivo de se ter algo palatável. Isso tem levado a um sincretismo que está cada vez mais presente no cristianismo hoje. Jesus com essas duas comparações deixa claro não haver meio termo. Esse foi também o alerta a igreja de Laodiceia (Ap 3. 15-17).

LIBERDADE

MARCOS 2.23-3.12

O sábado era tratado pelos judeus como uma instituição sagrada. Deus havia dado o sábado ao povo de Israel logo depois que eles saíram do Egito (Ex 20.8-11; Ne 9.14). O sábado também havia se tornado um sinal especial entre Israel e Jeová (Ex 31.13-17). Assim, quando Jesus começou a violar claramente as tradições sabáticas, foi como uma declaração de guerra contra o sistema religioso. Ele começou curando um paraplégico havia 38 anos, em Jerusalém, num sábado (Jo 5). Em seguida vieram os eventos registrados neste texto. A tradição judaica estabelecia trinta e nove ações rigorosamente proibidas de serem feitas num sábado. Na lei de Moisés era proibido trabalhar num sábado, mas não havia muitos detalhes a respeito (Ex 20.10). Algumas poucas passagens no AT especificam alguns casos a mais de proibição e consequências de se trabalhar num sábado (Ex 35.3; Nm 15.32-36; Jr 17.21-27; Ne 10.31; 13.15-19).

1-A razão de ser do sábado.(vv.23-28)

Com esse episódio Jesus teve a oportunidade de resgatar a razão pela qual o sábado foi instituído. A primeira referência, portanto, a instituição do sábado, está registrada em Êxodo 2.1-3. Deus havia completado toda a Sua obra em seis dias e assim determinou que deveria haver um descanso. Santificou (separou) o sétimo dia para ser o dia de descanso. Devido ao modo como foi criado por Deus, o organismo humano precisa de um descanso no intervalo de períodos de trabalho. Tanto a Revolução Francesa como a Revolução Bolchevista, tentaram implantar um sistema com um dia de descanso a cada dez dias de trabalho e não sete. A brevíssima experiência da revolução bolchevista baseou-se na anterior tentativa, também frustrada, da revolução francesa que usou o conceito cartesiano para afastar a influência judaico-cristã do calendário. Ambas foram um fracasso pelo simples fato de que o organismo humano não suporta de forma saudável e permanente, um período de nove dias de trabalho para um de descanso. O padrão, hoje científica e universalmente reconhecido, é que o ser humano precisa do descanso de um dia a cada sete. No entanto esse descanso não se sobrepõe às necessidades e carências que por vezes precisam se supridas no próprio dia de descanso. Jesus refere-se então ao episódio bem conhecido dos judeus, ocorrido com o rei Davi e seus companheiros, quando comeram os pães da proposição que somente aos sacerdotes era lícito comer (1Sm 21.1-6). As circunstâncias, no entanto, determinaram um destino diferente pois a prioridade eram as pessoas e não as regras religiosas. Marcos não registra outras comparações feitas por Jesus na ocasião (Mt 12.5-8; Os 6.6) por tratar-se de situações de pouco interesse aos romanos a quem escrevia.

2-O que fazer ou não fazer no sábado.(vv.3.1-6)

O sábado era o dia de ir a sinagoga para adorar, receber instrução das escrituras e de ter comunhão uns com os outros, da mesma forma que hoje vemos nossas participações nas reuniões da igreja. Os mais velhos, que são oriundos de famílias crentes, até de várias gerações, estão familiarizados com os costumes e práticas que por vezes achamos que advém dos ensinamentos bíblicos, mas que aos poucos vamos percebendo tratar-se de tradições que foram sedimentadas ao longo dos anos, não sem algum motivo razoável. No mesmo sábado em que foi confrontado pelos fariseus acerca do comportamento de seus discípulos, Jesus foi a sinagoga para adorar e lá encontrou, além dos que o estavam 'vigiando', um homem que tinha uma das mãos ressequidas. Não era uma

enfermidade ou uma situação crítica que, segundo a lei deveria ser acudida de imediato para que uma vida fosse salva. A cura daquele homem podia esperar, não configurava urgência. No entanto, talvez intencionalmente, Jesus resolveu duas coisas de uma vez só: curar aquele homem de forma pública e também confrontar os que o estavam observando. Lucas 6.6-11 registra de forma clara essa situação. Jesus chama o homem para o meio de todos. Antes de operar o milagre confronta os presentes, conhecendo-lhes a dureza de coração, e pergunta: “É lícito no sábado fazer o bem ou fazer o mal? Salvar a vida ou tirá-la?” (v. 3.4). Não obteve resposta. O silêncio ensurdecedor fez Jesus se condoer e indignar-se com a dureza de seus corações. Olhando ao redor e depois dirigindo-se diretamente àquele homem ali no meio de todos, disse: “Estende a mão. Estendeu-a, e a mão lhe foi restaurada” (v. 3.5). De várias formas e em diferentes circunstâncias Jesus procurava mostrar ao povo que eles podiam ser livres do jugo dos preceitos religiosos. Conhecerem a verdadeira liberdade.

3-A prudência de Jesus.(vv. 7-12)

A reação dos fariseus ali presentes, impossibilitados de responderem adequadamente as perguntas de Jesus, foi de retirarem-se e começarem a conspirar junto com os Herodianos em como tirariam a vida de Jesus. Com prudência e discernimento, conhecendo as suas intenções, Jesus também retirou-se, mas para os lados do Mar da Galileia, para onde numerosa multidão, agora composta de gente das várias partes da Palestina (v. 7,8) o seguia. Era tanta gente que Jesus pediu aos discípulos que providenciassem um barco para que pudesse ter uma saída estratégica em caso de necessidade. Ali fez muitas curas e livrou a muitos de espíritos malignos, também advertindo-os que não o expusessem à publicidade, posto que ainda não era chegada a Sua hora.